

Participar pela direita – o novo integralismo e o direito de defender a negação de direitos numa outra “democracia”

Participating in the right - the new integralism and the right to defend the denial of rights in another “democracy”

Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro

UFF

marciarcarneiro@vm.uff.br

marciarcarneiro@hotmail.com

Resumo: Entre 1932 a 1937, milhares de brasileiros filiaram-se à Ação Integralista Brasileira almejando conquistar com o Estado Integral, a harmonia nacional, com a integração das “raças brasileiras” sob a direção de Deus e rígida organização hierárquica ao molde dos fascismos. No período entre fins da década de 1930 até a atualidade, o pensamento e as formas de organização do movimento adequaram-se aos tempos “democráticos” e, no século XXI, com uso de novas tecnologias de informação, se internacionaliza, procurando manter a continuidade do movimento pela fidelidade à *Doutrina do Sigma*.

Palavras-chave: integralismo; nacionalismo; ideologia

Abstract: Between 1932 and 1937, thousands of brazilians joined the Ação Integralista Brasileira aiming to conquer the Integral State, the national harmony, with the integration of the "brazilian races" under the direction of God and rigid hierarchical organization in the mold of fascism. From the late 1930s until the present time, thought and forms of organization of the movement complied with the "democratic" period and, in the twenty-first century, using new information technologies, becomes international, seeking to maintain the continuity of the movement for loyalty to the Doctrine of Sigma.

Keywords: integralism, nationalism; ideology

O integralismo foi um movimento de inquestionável importância nos anos 1930. Reunindo, por volta de 800 mil filiados, a Ação Integralista Brasileira organizou-se como primeiro Partido de âmbito nacional, consolidando-se em todos os Estados brasileiros, sob o comando de suas “Chefias Provinciais”. Congregando a sua militância em torno da *Doutrina do Sigma*, o integralismo defendia a instalação do Estado Integral, em cujas bases deveria estar a família, sob o comando do pai trabalhador, que seria a esse agregado, corporativamente. Eram premissas apontadas pela Encíclica papal de 1891, a *Rerum Novarum*, no qual o *Manifesto Integralista* assentava-se ao propor a forma como a sociedade brasileira deveria se organizar. Do modelo fascista italiano, o integralismo, também,

espelhava-se no seu corporativismo, assim como nas formas de organização miliciana. Os militantes homens, desde os 16 anos, integravam-se às legiões que compunham a milícia integralista. Usando os seus uniformes verdes, a militância, tanto masculina, quanto feminina, marchou pelas cidades, participou de comícios, reuniões e rituais, nos quais juravam fidelidade eterna ao Chefe Nacional Plínio Salgado.

Com a cassação da AIB em 1937 e, depois, com a perseguição sofrida pela militância devido à tentativa de golpe que uniu integralistas a alguns liberais contra o Governo Vargas em maio de 1938, o integralismo parecia ter sucumbido ao ostracismo que lhe impingiu o Estado Novo. Porém, com a “democratização” de 1945, os integralistas viram surgir a oportunidade de retorno à atividade política como Partido de Representação Popular. O PRP, por sua vez, também sofreria o golpe da cassação com a instalação do Ato Institucional no. 2, da ditadura militar, em 1965. E, novamente, os integralistas não teriam um partido que pudesse contemplar abertamente seus adeptos.

Salgado, então, passaria a servir o governo militar através da ARENA, a Aliança Renovadora Nacional, um dos dois partidos que a ditadura permitiu existir para compor a aparência de “regime democrático”. O outro “partido” era o Movimento Democrático Brasileiro, o MDB. Nessa pantomima da disputa democrática, a ARENA aparentava maior proximidade com o regime enquanto o MDB representava a “oposição concedida”.

Embora se adequando aos contextos, a interpretação daqueles que se consideravam fieis ao integralismo levava em conta que a proposta do *Manifesto* fundador, de 1932, e do conjunto doutrinário produzido pelos seus intelectuais era que o integralismo não estaria aprisionado aos limites partidários ou às permissões legais para sua existência. O integralismo seria “uma ideia”. Como tal, imortal. Deste modo, defendia-se que, em qualquer contexto, o integralismo permaneceria como forma de preservar aquelas que consideram as raízes nacionais, nas quais estariam presentes a moral cristã, um “natural” antiliberalismo, o anticomunismo e o respeito à ordem e à hierarquia. Assim, o integralismo persiste até a atualidade, encontrando-se, como dizem seus defensores, na sua 4ª. geração.

O integralismo de hoje procura distanciar-se da relação com o fascismo, que o caracterizou na década de 1930. A diferenciação estaria no apelo à supremacia de uma vontade superior à humana, a vontade de Deus. E, para que houvesse cumprimentos dos desígnios divinos, deveria haver a adesão incondicional da militância-povo. Esta foi se construindo na prática, de acordo com as interpretações conjunturais das gerações que dão

continuidade ao movimento. Na primeira fase integralista (1932-1937) exigia-se a sujeição às atitudes que seriam condizentes com o movimento, principalmente às relacionadas à moral cristã católica. Os desdobramentos da militância se dariam no convívio com a família e vida privada de modo geral. A família e a pátria representam os elementos integradores – início e fim da vida integralista. O cotidiano estaria atingido pelo aspecto compulsório da militância. Segundo Benzaquen de Araújo (1988), o pensamento de Salgado, dando realce à noção de mobilização, de alcance ilimitado, teria a intenção de incorporar, igualitária e indistintamente, todos os setores da vida brasileira. Esse autor reconhece no pensamento de chefe, os limites estreitos da fronteira que separa o totalitarismo do conservadorismo¹.

Para grande parte da militância, os aspectos morais da *Doutrina* eram assimilados mais facilmente já que se encontravam entre os elementos doutrinários nas missas e demais rituais do catolicismo. Em outros meios que o integralismo alcançava, como as comunidades alemães de formação protestante, haveria, segundo René Gertz uma questão a se considerar: ele parte do pressuposto de que “entre os teutos havia uma resistência generalizada contra a assimilação; a conservação da identidade alemã” (GERTZ, 1987, 114). E esta resistência às investidas de integração alemã à nacionalidade brasileira as teria levado a filiarem-se a um movimento que lhes parecia similar e mesmo de colaboração com o nazismo. Ainda pode-se perceber a adesão de parte da intelectualidade brasileira ao integralismo na década de 1930, a partir do que escreveu Antonio Candido em famoso prefácio do *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda: “(...) a distância mostra que o integralismo foi, para vários jovens, mais do que um fanatismo e uma forma de resistência reacionária. Foi um tipo de interesse fecundo pelas coisas brasileiras, uma tentativa de substituir a platibanda liberalóide por algo mais vivo” (CANDIDO, 1986, p. xli.).

Durante a vigência do PRP, o pensamento integralista encontrava resguardo, principalmente, na mocidade organizada na Confederação dos Centros Culturais da Juventude, fundada em 1952. Nesta, estavam reunidos os “águias-brancas”, nome dado aos jovens integralistas de então, por Plínio Salgado. Era a estes jovens que Salgado dedicou o “Código de Ética do Estudante”, uma espécie de novo *Manifesto* dedicado à juventude que

¹ O Totalitarismo seria a defesa de uma totalização absoluta, homogeneizante da sociedade, disposta a eliminar todas as particularidades e diferenças, contidas no interior do corpo social, pela ação de uma ideologia unificadora. Na visão Conservadora, as especificidades e oposições que complexificam e tornam variado o mundo social podem ser preservadas, e até exasperadas, desde que não entrem em confronto com a preeminência do todo. Ver, para ambas definições: ARAÚJO, Ricardo B. de. Totalitarismo e Revolução – O Integralismo de Plínio Salgado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

continha os mesmo apelos de documento anterior, como se pode constatar já no primeiro item: “Faze da tua crença em Deus e nos destinos sobrenaturais do Homem a luz que te guiará no meio da confusão dos desorientados e da corrupção dos costumes”².

Com o fim do PRP e com a morte de Salgado, as gerações do chamado novo integralismo, que começa a se definir a partir da década de 1990, perceberam a necessidade de conhecer bem a ideologia do movimento para aderirem a ele de corpo e alma. Voltava-se à negação das conquistas do racionalismo e do empirismo e, pretendiam como antes, o retorno a uma época ideal, de ordem e prevalência do espírito. A maioria dos atuais militantes substitui hoje o uniforme verde pela demonstração do conhecimento doutrinário. E este saber lhes permite fazer parte do movimento e participar do topo da hierarquia, ainda sob as ordens do Chefe Salgado, que continua bem vivo para os “neointegralistas”. Seu retrato permanece nas salas, entre a bandeira do Brasil e do Sigma. Ele ainda é insubstituível.

Pelas publicações que se seguiram à morte de Salgado, em 1975, percebe-se a tentativa de se manter a memória e de se recuperar a *Doutrina*, pelo menos, como fator de preservação do movimento. Entre os anos de 1975 e 1988, alguns ex-militantes da AIB e antigos “águias-brancas” publicaram artigos, responderam a crônicas jornalísticas que tratavam do integralismo pejorativamente e ainda inauguraram praças com o nome do Chefe Plínio Salgado, como a de Rio Claro em 1977.

Em 1981 é fundada a Casa de Plínio Salgado na capital paulista. A idéia partiu de antigos “águias-brancas” que pretendiam, além de formar um acervo importante das obras do integralismo, principalmente de Salgado, organizar grupos de estudos e discussões sobre o movimento. No ano de 1983, o advogado Anésio Lara Campos Júnior teria registrado a Ação Nacionalista Brasileira, porém sem continuidade ou aderência expressiva. Em 1985, ao fim da ditadura militar, no contexto da redemocratização, outra tentativa de reestruturação pelo mesmo Anésio Lara Campos Jr que cria uma nova AIB e torna-se seu primeiro presidente.

Conforme a análise de René Dreifuss (1989), a partir de 1985, com o fim da ditadura militar, os integralistas participaram, na periferia do processo de aglutinação de forças de

² O *Código de Ética do Estudante* foi elaborado, em 1947, durante o “Conclave dos Estudantes Populistas,” como eram chamados os seguidores do PRP. O “Conclave”, realizado na cidade do Rio de Janeiro foi um evento preparatório para o “Primeiro Congresso Nacional dos Estudantes Populistas”, que teria lugar em 1948, na cidade de Campinas, Estado de São Paulo. O *Código* é um dos documentos integralistas mais conhecidos e reproduzidos pela atual militância. Pode-se encontrar o *Código* reproduzido em diversos *sites* como o da Frente Integralista Brasileira: <http://doispontostravessao.files.wordpress.com/2010/12/codigo-de-c3a9tica-do-estudante-integralista.pdf> ou mesmo em <http://www.vibeflog.com/integralistas/profile/> do “Movimento Facista [sic] de Macaé-RJ”. Capturados em 29/09/2011.

ultra-direita da reorganização de espaços políticos conservadores, após a derrocada do Partido Democrático Social (PDS - herdeiro político da ARENA), na chamada “Nova República”. Para o autor, em meio à reaglutinação das forças direitistas, os integralistas dispunham-se a reiniciar “a grande marcha por Cristo e pela nação”. Em tempos de reorganização democrática, os “herdeiros” de Plínio Salgado usaram valorizar o argumento do falecido Chefe de que o objetivo maior do movimento seria a instituição de “uma democracia orgânica”, sem partidos político e sem eleições diretas para quaisquer cargos políticos (DREIFUSS, 1989).

A AIB da “Nova República” teve como liderança, apontada por Dreifuss, Antônio Carlos Meirelles que, segundo o autor, havia pertencido ao Partido de Ação Nacionalista e seria assessor da Causa Internacional da chamada “Seita Moon”. Objetivando combater o “comunismo ateu”, o Reverendo Sun Myung Moon financiaria candidaturas que estivessem afinadas com seus objetivos. Cabe destacar que a ação do chamado império Moon era internacional, contando para financiá-la com a exploração de empresas de exportação de lagosta e camarão, além de firma de importação de *giseng* e outras atividades, como comércio de pedras preciosas, até supermercado. Para Meirelles, a AIB pregaria a “eliminação progressiva da luta de classes, do conflito entre o capital e o trabalho”. (DREIFUSS, 1989, p. 95).

Durante o decorrer da década de 1980 os conflitos entre os “herdeiros” da doutrina se acentuam. De um lado, liderados pela viúva do Chefe, estavam aqueles que não concordavam com o que consideravam “usurpação” da legenda da AIB por Anésio. De outro, o então presidente da AIB que, com a posse do registro da AIB, se recusava a abrir mão de sua presidência. O ano de 1988 teria sido o mais importante da década em termos de tentativa de reorganização do movimento com vistas a conter o que se considerava uso indevido da sigla da Ação Integralista Brasileira. A situação chegou ao ponto de uma convocação para um Congresso em 1989, em Niterói, o qual deveria decidir a nova orientação para ao integralismo, incluindo a eleição da presidência. Este processo teve a participação direta da família Salgado, ex-militantes da década de 1930 que não teriam tido grande projeção nacional, além de águias-brancas fiéis à idéia doutrinária.

No Congresso realizado no Sindicato dos Jornalistas do antigo Estado do Rio, decidiu-se, através de eleição, que o novo presidente da AIB será o médico Sebastião Cavalcante de Almeida, que contava com apoio da Ala Jovem do Rio. Na eleição disputada por Cavalcante

e Anésio, o médico fora o vencedor e o advogado se tornava, então, vice-presidente.

As discussões durante este período giravam em torno da necessidade ou não da reorganização da AIB enquanto partido político. Foi cogitado o nome de Partido de Ação Integralista (PAI), com até a possibilidade de indicação de um nome para concorrer às eleições presidenciais de 1989. Porém o debate que acontecera em 1945, sobre a necessidade de o integralismo tornar-se partido, foi reacendido nesta nova situação. Sobre a questão partidária, este é um tema sempre recorrente nos debates dos integralistas da década de 1990 em diante.

O aparente equilíbrio entre os grupos integralistas de então se rompe quando, ainda em meados de 1989, o Dr. Sebastião renuncia ao cargo e o advogado Anésio volta à presidência. A grande ressalva dos antigos integralistas, apoiados por alguns jovens introduzidos no movimento pelos velhos militantes, e da família Salgado ao nome do Dr. Anésio era a sua ligação, publicamente reconhecida, com alguns grupos que se consideravam nacional-socialistas.

Com a entrada dos anos 1990, tentou-se a reorganização em forma de associações que pretendiam reviver a antiga prática integralista de doutrinação por encontros e cursos específicos. Tentava-se reorganizar o integralismo através dos Centros Culturais. Dentre estes, o mais importante na retomada do integralismo nessa década foi o Centro Cultural Plínio Salgado, localizado em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Seu fundador e mantenedor era o advogado Arcy Lopes Estrella. O Dr. Arcy fora um decurião da militância integralista da década de 1930 e participara da Milícia, sob as ordens do Chefe nacional deste Departamento da AIB, Gustavo Barroso. Arcy tornara sua casa um “lugar de memória”³ integralista. Na parte térrea de sua casa, ele concebeu o espaço dedicado ao integralismo. Ali estavam documentos, biblioteca com títulos diversos de autores integralistas e livros das mais variadas correntes ideológicas. Ainda havia vários romances compondo o acervo do Centro. Uma sala decorada com o retrato do Chefe Nacional, Plínio Salgado, ladeado pelas bandeiras do Sigma e a Nacional era o local de reuniões. Neste espaço, Arcy reunia vizinhos para reuniões doutrinárias. Em ocasiões festivas, ou reuniões ampliadas, o advogado conseguia aglutinar vários grupos de jovens que se interessavam pelo integralismo e que buscavam na doutrina os parâmetros para sua organização. Durante a segunda metade da década de 1990, Arcy

³ Os “lugares de memória” para Pierre Nora são registros que contem simbolismos que se referem a algo que cristaliza a lembrança, que a transmite: “(...) simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou” (NORA 1993, p.21-22).

manteve viva a idéia de união do movimento publicando e sendo editor responsável da maioria dos periódicos integralistas do período. O “velho” militante organizava em sua caderneta a rede de contatos dos que defendiam a permanência da memória integralista, desde velhos aos novíssimos militantes que constituiriam a terceira e, depois, a quarta geração integralista.

Grupos nacionalistas, mas não necessariamente seguidores diretos do integralismo, também frequentavam o Centro Cultural Plínio Salgado. Entre esses, o movimento “Carecas” do Rio de Janeiro, liderados por Armando Zanini. A relação entre os “Carecas” e o integralismo vem desde a década de 1980, através de Anésio Lara Campos Jr, que os “acolheu” na recém-fundada AIB. Os “Carecas”⁴ do ABC, de São Paulo declaram-se integralistas, dizendo seguir a *Doutrina* de Plínio Salgado.

Era frequente, também, a participação da “Juventude Nativista Bandeira do Sigma” em reuniões e atividades festivas no CCPS. Na tentativa de reorganização do integralismo, percebe-se a necessidade dos “novos” articularem-se com os “velhos” militantes, tanto da AIB da década de 1930, como com os “populistas” dos anos 1940. O apadrinhamento da velha militância daria aos “novos” a necessária ligação física com o pensamento de Salgado.

A década de 1990, portanto, foi marcada pela entrada de grupos de jovens que queriam saber mais sobre o integralismo, o que possibilitou a chegada da *Doutrina do Sigma* à “era cibernética”. O integralismo passava a ser divulgado não só pelos “jornais de papel”, mas chegavam aos meios virtuais. Para a *Doutrina do Sigma* seriam trazidas novas significações, percepções que a militância das duas primeiras gerações não conheceram, elementos que a própria história traria. Tempos de revisão do próprio integralismo, como proposta e como movimento. A defesa da “Democracia Orgânica”, principal baluarte de Salgado, após a volta do exílio em Portugal, em 1946, os conteúdos moralistas católicos, o ataque ao “sionismo” faziam parte das mensagens nos jornais integralistas, como nos tempos anteriores, mas, eram revestidos pela aura dos novos tempos: a informação massiva ampliava o número de intérpretes e, também, a interpretação da *Doutrina*.

O jornal *Idade Nova*, organizado pelo “Núcleo de Estudos e Atividades inspiradas no

⁴ Os “Carecas” segundo Alexandre Almeida aparecem principalmente na década de 1980, como “Carecas do Subúrbio”. A princípio se identificavam com os punks, com ideais de anarquismo. Depois, se aproximaram dos skinheads europeus, adotando sua estética. Assumem ideais nacionalistas e defendem projetos de formar um exército para libertar o Brasil dos exploradores. Se aproximam de organizações de orientação autoritária, nacionalista e anticomunista. Conf.: ALMEIDA, Alexandre. Skinheads: “os mitos ordenados” do Poder Branco paulista. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, Dissertação de Mestrado, 2004.

Integralismo”, que começou a circular em novembro de 1998, como porta-voz da “Juventude Nativista Bandeira do Sigma”, por exemplo, traria o projeto de incorporar o integralismo ao contexto da “International Third Position”⁵. Os articulistas do *Idade Nova* defendiam o integralismo como parte da ITP por considerarem-se identificados com as propostas deste movimento surgido na Europa e propagandeavam as suas posições ante o sionismo, considerando a existência de uma “conspiração sionista”, materialista, apátrida e internacional que coloca o mundo sob o controle dos “banqueiros internacionais”. Propunham como bandeira de luta, a revisão e mesmo negação do holocausto que se tornara o principal tema da Revisão Editora, que tinha seus livros divulgados nas páginas do jornal.

Outro grupo importante da década de 1990, representado pelo Centro de Estudos e Debates Integralistas (CEDI), considerava aliar o integralismo ao movimento surgido na década de 1960, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, a TFP e ao movimento Pró-Monárquico que defende a volta da monarquia no Brasil.

Os debates principais que se davam no momento de surgimento do chamado “neointegralismo” nos anos 1990 retomavam a questão do modo de organização do movimento. Parte dessa terceira geração que se formava, apoiava a reorganização do integralismo como partido, outros defendiam que a essência integralista é antipartidária, pois a existência de partido faz parte da essência da democracia liberal que abominam. Assim sendo, o novo integralismo que se definia neste período procurava estabelecer parâmetros unificadores das diversas correntes multiplicadas de norte a sul do país, principalmente sudeste e sul. O que se observa de comum entre os grupos era a busca pela legitimação de uma auto-referência de verdadeiros herdeiros do integralismo.

Nos últimos anos do século XX, o movimento integralista já tinha tomado o novo contorno que lhe dava a “nova” juventude. A composição social da maioria destes jovens que agora assumiam o integralismo era de uma classe média baixa. Entre eles, estudantes, profissionais liberais, funcionários administrativos, técnicos em informática etc. Novas categorias, novas origens familiares que não haviam passado pela formação do integralismo das décadas de 1930 e de 1940 a 1970.

A ideia de unificar os esforços levaram os novos integralistas de então a convocarem o 1º Congresso Integralista para o Século XXI. Este encontro aconteceu em dezembro de

⁵ *Declaração de Princípios da International Third Position* publicada no *Idade Nova*, nº 2, janeiro de 1999, p. 12. A ITP, nascida na década de 1990, é considerada uma associação neofascista que surgiu de uma ruptura entre facções do British National Front (Inglaterra) e que se unira ao neofascismo italiano liderado por Roberto Fiore.

2004. Os grupos que tentavam dar uma unidade ao integralismo reuniram-se na sede da UND (União Nacionalista Democrática) na capital paulista para nova tentativa de reorganizar a AIB. No encontro, decidiu-se pela fundação do MIB (Movimento Integralista Brasileiro) e do Conselho Nacional Integralista formado por 40 membros que assumiram a missão de “resgatar integralismo em todo Brasil”. Deste evento também participaram representantes do PRONA, da União Católica Democrática, do MV-Brasil (Movimento pela Valorização da Cultura, do Idioma e das Riquezas do Brasil), alguns militares da ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra) e membros da própria UND.

Com a decisão tomada, a de fundar o MIB, outro problema provocado por Anésio seria sentido neste momento. Quando os grupos organizadores do Congresso tentaram o registro oficial do “Movimento Integralista Brasileiro”, ficaram sabendo que este já havia sido registrado pelo mesmo Dr. Anésio, por volta de 1983. Esta situação provocou um problema sério entre os grupos, pois o Congresso teria perdido o seu sentido já que o nome escolhido e festejado na cerimônia, com leitura e aprovação de Ata, não poderia ser utilizado juridicamente.

Após o Congresso o rompimento que se observava anteriormente em relação às interpretações se fez mais nítido e tornou-se inconciliável a unidade integralista que se pretendeu com o encontro de São Paulo. Não somente pela frustração da impossibilidade de se utilizar o nome escolhido em assembléia, o MIB, mas também pelas discordâncias acerca dos enfoques de cada grupo ao interpretar a doutrina.

Com os elos rompidos, os grupos foram se definindo, construindo as suas especificidades de acordo com cada interpretação da *Doutrina do Sigma*. De um lado, a Frente Integralista Brasileira, que defende a fidelidade à *Doutrina*, seguindo, de forma inquestionável, as diretrizes apontadas pelo Chefe Plínio Salgado, com base na leitura do *Manifesto de 1932*. Essa defesa se apóia no respeito às definições em relação às “questões sociais” e à organização do Estado cristão-católico pela Encíclica *Rerum Novarum*, contidas no *Manifesto de 1932*. Na FIB, a demonstração da filiação católica do integralismo é mais evidente, ao colocar-se contrária às modificações ocorridas dentro da Igreja Católica introduzidas pelo Concílio Vaticano II, que teria modernizado as cerimônias e tornado-a mais próxima aos apelos populares. A visão que seguem é principalmente, como da Encíclica Papal de 1891, de linha tomista. Entendendo que as bases sociais, cuja referência principal é a família, defendem a existência de uma diretriz natural que Deus teria determinado. Nesta,

antes de tudo, seria preciso seguir as regras de organização política, econômica e social sob o primado do espírito, católico primordialmente.

Os membros da FIB estão principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Na capital paulista contam com o apoio da Casa Plínio Salgado. No Rio de Janeiro, a FIB mantém uma sede junto ao Núcleo Integralista do Rio de Janeiro (NIERJ). Mantendo o *site* atualizado, a FIB, constantemente, organiza eventos que visam a rememoração de datas importantes para o integralismo, como o 11 de maio, quando prestam homenagem aos mortos no “levante” integralista de 1938. Costumam homenagear com missas as datas de nascimento e morte de Salgado, ou comemorar com almoços os aniversários do *Manifesto Integralista de 1932*. Pelo menos, dois “novos manifestos” foram lançados pela FIB: o *Manifesto da Guanabara*, de 25 de janeiro de 2009⁶ e o *Manifesto de 13 de Maio*, escrito pelo presidente da FIB, Victor Emanuel Vilela Barbuy e divulgado em 13 de maio de 2009, em São Paulo. A FIB teve, desde sua fundação, que se deu com a “ruptura” provocada pelo 1º Congresso Integralista para o Século XXI, em 2004, dois presidentes: Marcelo Baptista da Silveira (2004-2007/2007-2009) e Victor Barbuy, advogado, com mandato iniciado em 2009 e a concluir em 2012.

Outra dissidência do Congresso formou o Movimento Integralista Linearista do Brasil. Segundo os membros do MIL-B, eles guiam a sua interpretação da *Doutrina do Sigma* pelos ensinamentos de Santo Agostinho e do filósofo alemão do século XVII, Leibniz, que, concomitantemente com Newton elaborou as premissas do cálculo diferencial. Para Leibniz, o mal metafísico seria a raiz do mal moral. A ideia de uma leitura “linear” do integralismo, segundo o MIL-B, é procurar superar o caos humano através da associação da fé com a ciência.

Para o MIL-B, os elementos doutrinários devem se ampliar com as produções que a ciência e filosofia trouxeram à humanidade até o século XXI. Segundo eles, assim os intelectuais integralistas procederiam, principalmente Salgado, se estivessem vivendo na atualidade. Considerando que a *Doutrina do Sigma* foi forjada a partir da ideia que seria a portadora do pensamento ocidental, excluído as “ideologias materialistas” como o liberalismo e o comunismo, essa deveria, também, conter todos os acréscimos posteriores, acumulando, assim, mais elementos que surgiram depois da morte do Chefe.

⁶ Lançado pela Secretaria de Doutrina e Estudos da Frente Integralista Brasileira. Conforme o documento, na cidade de “São Sebastião do Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 2009, no 455º aniversário de São Paulo do Campo de Piratininga”. Cf : <http://www.integralismo.org.br/?cont=825&ox=7> Capturado em 29/09/2011.

Para o MIL-B, as explicações sobre a situação mundial e do Brasil devem ser vistas sob o prisma da existência de forças que estariam acima da compreensão humana, localizadas no mundo espiritual. Desta forma, o MIL-B entende que os problemas nacionais e internacionais estão presentes no mundo devido à preponderância econômica de certo grupo de poderosos banqueiros de origem semita que, na direção econômica do planeta, incentivam a destruição de todas as bases morais e humanas da sociedade mundial, implantando discórdias, controlando os antagonismos de forma a manter um equilíbrio de forças. Seriam os banqueiros internacionais de origem semita que, inclusive, financiariam tanto movimentos de esquerda como de direita de modo manter esse equilíbrio. Segundo os seguidores deste grupo, eles não são contra o povo semita, os judeus primordialmente, mas sim contra a ação do capitalismo judeu, representado pelos banqueiros internacionais. Não seriam, portanto, anti-semitas, mas sim, anti-sionistas no sentido de discordar desse tipo de domínio do capital.

Para se contraporem à pecha de galinhas-verdes, os integrantes do MIL-B escolheram como símbolo o Galo, que consideram guerreiro e valente ao defender seus domínios.

Outra discordância entre a FIB e o MIL-B é que o último considera que a Igreja Católica, ao ter incorporado o Velho Testamento estaria impregnada de elementos judaicos e não verdadeiramente cristãos. Defendem a leitura somente do Novo Testamento, posto que o primeiro trataria basicamente da história do povo judeu e de sua interpretação de Deus.

Embora a resistam aos “elementos judaicos” no cristianismo e critiquem a existência destes elementos na Igreja Católica, o MIL-B diz defender a tolerância religiosa, aceitando as religiões orientais, como o budismo e o hinduísmo.

Deste ponto de vista, o espiritualismo seria entendido como primado do espírito. Porém, é ao Deus cristão (não judeu) que o Linearismo se refere como fator de determinação e organização do mundo. Se algo está em desordem é porque acreditam que o mundo está sendo comandado pelo demônio e somente a revolução espiritual poderia eliminá-lo. O caminho para a eliminação deste inimigo seria a obediência às idéias integralistas produzidas por Salgado, Reale e, principalmente por Barroso no início do século XX, embora relidas no contexto do século XXI, de acordo com a direção apontada pelo linearismo. Os integrantes do MIL-B contam com a SENE, a Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista, para a doutrinação e com a Academia Integralista de Ciência e Letras na qual se discute as antigas e novas produções do movimento. Como aponta a frase gravada no brasão da Academia, “A

verdade une fé e ciência”, seu propósito é discutir esta relação que, para os linearistas, estaria na *Doutrina do Sigma*. O MIL-B ainda mantém o ANIL, o Arquivo Nacional Integralista Linearista.

. Seu presidente e principal mentor doutrinário é Cássio Guilherme Reis, engenheiro e Mestre em Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora e Policial Federal com exercício na cidade de Campinas.

A Ação Integralista Revolucionária é o terceiro grupo mais importante desta tentativa de reestruturação do integralismo na atualidade. Com sede na cidade de Rio Claro, é presidida por Jenyberto Pizzotti. A AIR, criada em 25 de dezembro de 2004, se coloca como a aglutinadora dos grupos dispersos. Seu presidente tem a intenção de unir sob sua orientação e interpretação o enfoque doutrinário. Colocando-se como crítico das estratégias usadas pelo Chefe Salgado, quando em 1935 escolheu o Partido Político como forma de organização do movimento, a AIR defende a via revolucionária que deveria ser construída a partir da constituição de células, a princípio independentes, mas sob uma única coordenação que partiria da presidência.

Aos grupos que se definiram a partir do evento de 2004, ou mesmo antes de sua convocação, se ligam outros, considerados independentes. Alguns membros deste “neointegralismo” participam deste de forma mais velada, outros, ainda se afastaram do movimento, mas não da *Doutrina* e da história do integralismo.

Esta 4ª. geração integralista que se firma na atualidade tem os recursos cibernéticos à sua disposição. Mas, não dispensam toda a produção intelectual integralista acumulada nos livros, jornais, panfletos, memórias em quase 80 anos. Compartilhando a *Doutrina do Sigma*, os simbolismos e rituais do movimento, estes “jovens” ainda recriam as interpretações produzidas e reproduzidas pelas três gerações anteriores. Não fogem à ação da história e têm consciência disto, ao entenderem que o integralismo que preservam, contém os elementos deste tempo presente.

Deste modo, escolhe-se, em comum, o que se deve preservar para que o elo com o passado não pareça ruído, sem continuidade. Escolhe-se uma “história integralista” para se contar: a capacidade do movimento em aglutinar milhares de pessoas na década de 1930; a importância intelectual de seus mentores; a “resistência” à ditadura varguista e a tentativa de depô-la etc. E são estas as principais referências na construção de uma memória particular integralista. Procura-se recuperar a sua importância através do que não é conhecido pela

grande maioria dos brasileiros. É uma história de retratação. Uma retratação que, nos tempos da informação e das “garantias democráticas” precisa tornar a intolerância e o autoritarismo menos evidente, transformando-os, também, em “conquistas da democracia”. Ao defender a homofobia clara de um deputado, diz-se defender a “liberdade de expressão”. O antissemitismo torna-se antissionismo na luta contra a plutocracia e a ingerência de banqueiros internacionais, de origem semita sobre a economia mundial. Ao se negar a relação com o fascismo na década de 1930, evidencia-se a leitura do corporativismo da *Rerum Novarum*, defendendo a instalação de uma *Democracia Orgânica*, na qual o controle estatal do trabalho “solidificaria” as relações entre as classes, a submissão do trabalhador ao capital, transvertido em ordenador da propriedade.

O argumento que se impõe é que o integralismo, de todos os tempos, congrega o nacionalismo e o anticomunismo. É, principalmente, antiliberal e defensor da moralidade cristã. Defendendo a implantação de um Estado que reconhece a existência de direitos naturais do homem, como ser espiritual, cristão, os “novos integralistas” buscam a sua especificidade e a diferenciação em relação a outros movimentos autoritários, de vieses totalitários. Assim, confiam alcançar a “vitória final”.

Referências

Ação Integralista Revolucionária:

<http://www.oocities.org/br/airevolucionaria/irmaosnegros.htm>

ALMEIDA, Alexandre. *Skinheads: “os mitos ordenados” do Poder Branco paulista*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, Dissertação de Mestrado, 2004.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução – O Integralismo de Plínio Salgado*. RJ: Jorge Zahar, 1987.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Violência contra grafiteiros expõe o crescimento das milícias de extrema direita no Rio de Janeiro em “Entre milícias e militantes de extrema direita: Rio de Janeiro em janeiro de 2009”* publicado na página “Passa Palavra”. Data da publicação: 2 de Fevereiro de 2009.. Capturado em 12/02/2011.

Brigadas Integralistas: <http://www.integralismo.org/textos/Harpia.html>.

CÂNDIDO, Antônio. *Significado de Raízes do Brasil* (1967). In BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, pp. xxxix –1.

CARNEIRO, Márcia R. da S. R. Do sigma ao sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo a construção de memórias integralistas. Niterói: UFF, Tese de Doutorado, 2007.

“Conteúdo.com.br/providafamilia” em <http://www.conteudo.com.br/providafamilia>

DREIFUSS, René. O jogo da direita. Petrópolis: Vozes, 1989.

Enciclopédia Integralista. Rio de Janeiro: Livraria Clássica, 1955, 13 vols.

Frente Integralista Brasileira: <http://www.integralismo.org/>.

FERREIRA, Marcus. Entre milícias e militantes (IV): uma breve análise publicado no site Sem Prolixismo Mais conteúdo, por menos palavras em <http://semprolixismo.wordpress.com/tag/rio/> Capturado em 12/02/2011.

GERTZ, René. O fascismo no Sul do Brasil – germanismo, nazismo, integralismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

Manifesto Integralista de 1932 – da fundação da Ação Integralista Brasileira, s/e; s/d.

Movimento Integralista e Linearista Brasileiro - MIL-B:

<http://www.doutrina.linear.nom.br/index.htm>

NÓBREGA DE JESUS, Carlos Gustavo. Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória – Revisão Editora e as estratégias da intolerância (1987-2003). São Paulo: UNESP, 2006.

NORA, Pierre. Les lieux de mémoire. I La République, Paris: Gallimard, 1984, pp. XVIII – XLII. No Brasil publicado como: Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In Projeto História: revista do Programa de estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, no. 10. São Paulo: PUC, 1993, pp. 7-28

REALE, Miguel. O Estado Moderno – Liberalismo, Fascismo, Integralismo. In: Obras políticas (1ª fase-1932/1937). Brasília: Editora UnB, 1983.

SALGADO, Plínio. Palavra Nova dos Tempos Novos. In Obras Completas de Plínio Salgado. São Paulo,: Editora da Américas, 1955.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da,; MEDEIROS, Sabrina Evangelista; VIANNA, Alexander Martins (orgs.) Dicionário Crítico do Pensamento da Direita. Rio de Janeiro: FAPERJ; MAUAD, 2000.